

---

## Discursos sobre transexualidade e direitos a partir de Britney em A Dona do Pedaço e Michelly em Bom Sucesso<sup>12</sup>

Diego Gouveia<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Pernambuco

### Resumo

A transgeneridade foi pautada em várias novelas da Rede Globo. Em 2019 e 2020, a questão foi abordada a partir das personagens Britney, interpretada pela atriz trans Glamour Garcia, em A Dona do Pedaço, e Michelly, vivida pela transexual Gabrielle Joie. Nota-se uma tentativa de abordar a questão também sob a perspectiva de direitos. Este artigo analisa as estratégias discursivas utilizadas pela produção para pautar política identitária de transexuais. Para isso, além de um levantamento bibliográfico sobre gênero e sexualidade, foram acompanhadas cenas da novela em que direitos de pessoas trans são discutidos. Por fim, esta pesquisa compreende que, embora haja um avanço no tratamento dado à questão, as personagens não são aprofundadas e, no caso de Britney, as piadas empregadas empobrecem as reflexões.

### Palavras-chave

Transexualidade; Discurso, Telenovela; Televisão; Rede Globo.

### Introdução

Desde 1965, ano de exibição da primeira telenovela na Rede Globo, esse tipo de produção aparece como prioritário para emissora. O custo de realização de uma novela pode ser considerado baixo quando relacionado ao retorno obtido com vendas publicitárias e *merchandising*. Então, com baixo custo e alta rentabilidade, ela se tornou uma das produções por excelência e constitui um importante meio da cultura pop.

Para além do *merchandising* de produtos e marcas, assuntos de cunho social passaram a ser abordados na ficção seriada com o objetivo de difundir ideias e valores. O *merchandising* social está relacionado à criação e expansão de debates sociais, pensados e executados de forma estratégica para promover o diálogo entre os

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT04 - Comunicação Audiovisual, GP Ficção Seriada do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – VIRTUAL, realizado de 1º a 10/12/2020.

<sup>2</sup> O presente trabalho é um desmembramento de um artigo submetido à revista Alceu intitulado "'Meu nome é Natasha': Novas narrativas sobre transgeneridade na ficção seriada brasileira a partir da conquista de direitos".

<sup>3</sup> Professor do Núcleo de Design e Comunicação do Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco. Email: dgmguveia@gmail.com

---

telespectadores (LOPES, 2009) e passou a aparecer em novelas brasileiras a partir da década de 80.

Mais recentemente, observa-se que as ações socioeducativas, como também são conhecidas as estratégias de *merchandising* social, das ficções seriadas lançam sua atenção para questões LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Queers, Intersex, Assexuais e outras possibilidades).

De acordo com Ribeiro (2010, p. 19), se pode dizer que, em geral, a mídia apontava a sexualidade com deboche, discriminação e caricaturização. "Em geral, o gay é tratado de forma pejorativa e sempre lembrado com linguajar jocoso" (p. 21).

As primeiras personagens LGBTQIA+ na TV brasileira foram vividas por Vida Alves e Geórgia Gomide no teleteatro *Calúnia*, exibido em 1963 pela TV Tupi. Na Rede Globo, o primeiro personagem gay foi Rodolfo Augusto, interpretado por Ary Fontoura, um costureiro e carnavalesco da novela *Assim na Terra como no Céu*. Na década de 70, houve, de acordo com Bernardo (2018), seis novelas com personagens gays. Nos anos 80, foram 15 e, nos 90, 13. Nos anos 2000, houve um salto para 28 produções. De 2011 a 2017, já havia 25 telenovelas. A presença de homens gays é majoritária. É importante destacar, no entanto, que a presença de personagens homossexuais não significa que houve investimento em ações socioeducativas. Neste tempo, muitos personagens reforçavam estereótipos e não avançaram na discussão de temáticas importantes sobre direitos LGBTQIA+.

No entanto, houve também, em outros personagens, esforços para abordar direitos de uma maneira diferente, centrando em ações socioeducativas ligadas à questão de gênero e sexualidade. As telenovelas abre espaço para visibilidade de identidades historicamente marginalizadas.

As possibilidades de discussão sobre direitos LGBTQIA+ não surgiram aleatoriamente na TV. Integram, na verdade, condições que forçaram a emergência de tais manifestações na teledramaturgia. O avanço do feminismo e, com ele, as discussões das pautas de movimentos sociais LGBTQIA+ são os grandes responsáveis por novas representações e também pela decisão da emissora em abordar sistematicamente e focar ações socioeducativas nessa área.

---

A transexualidade já havia sido abordada em outras produções, mas, em 2019 e 2020, a questão esteve presente em *A Dona do Pedaço* (2019) com Britney, interpretada pela atriz trans<sup>4</sup> Glamour Garcia, e Michelly de *Bom Sucesso* (2019), vivida pela atriz trans Gabrielle Joie.

Este artigo analisa as estratégias discursivas utilizadas pela emissora para pautar política identitária de transexuais a partir das duas personagens. Para isso, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre telenovela, discurso, gênero e sexualidade, além de um acompanhamento, em diários de observação, das cenas em que Britney e Michelly apareciam. Os diários são compostos pela transcrição das falas dos personagens, em cenas nas quais ficaram claros os esforços de abordar os direitos das pessoas trans.

Na próxima seção, será abordada a questão da transexualidade a partir dos estudos de gênero.

## **2 A transexualidade a partir dos estudos de gênero**

As primeiras discussões sobre gênero surgiram, especialmente, a partir da década de 60 com o avanço do movimento feminista. O conceito de gênero passou a ser usado para se referir ao papel social e cultural do sexo, que ainda era compreendido sob a perspectiva biológica e natural, funcionando como determinante do gênero. Ou seja, “o sexo era a verdade da natureza, como muitos ainda pensam no âmbito do senso comum” (TIBURI, 2016, p. 10). A ordem sexo/gênero era vista de modo natural. Nascer com pênis ou vagina determinava o gênero masculino ou feminino com o qual os sujeitos eram identificados, respectivamente.

A contraposição a esse entendimento já havia sido levantada por Simone de Beauvoir no final dos anos 40, antes mesmo dos anos 60, com a famosa frase: “não se nasce mulher, torna-se mulher”. Com essa frase, há uma ruptura na determinação dos gêneros a partir do sexo. Essas ideias constituem pilares que ajudaram a se compreender gênero e sexualidade como entendemos hoje em dia.

---

<sup>4</sup> Neste artigo, o adjetivo trans é utilizado apenas para auxiliar na discussão proposta no trabalho sobre transexualidade, embora compreenda-se que o uso do termo não é necessário para designar as pessoas no cotidiano. A referência seria apenas mulher já que é como a atriz se identifica.

---

Os estudos de Michel Foucault, por exemplo, em *História da Sexualidade I* (1979) trazem outra perspectiva ao explicar o sexo como uma produção do discurso. Para o autor, sexualidade e sexo não seriam verdades em suas essências, mas construções históricas. Ele influencia os estudos de gênero, abarcados na teoria *queer*, que ganharam corpo a partir dos anos 80.

As ideias de Judith Butler, nos anos 90, com o lançamento de “*Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*”, seguem a linha foucaultiana, rompendo com a ideia da naturalidade do sexo e do gênero, instituindo a questão para uma perspectiva discursiva. Para Butler (2016), é importante contestar o status quo que consiste em deslocar categorias tais como “homem”, “mulher”, “macho” e “fêmea”, revelando como elas são discursivamente construídas no interior de uma matriz heterossexual de poder. Ela considera que gênero não é algo que somos, assim como Beauvoir escreveu, mas algo que fazemos. Não é algo que se “deduz” de um corpo. Butler propõe pensar o gênero como algo fluido, socialmente construído, performado, como um “efeito”.

Não é natural. Em vez disso, é a própria nomeação de um corpo, sua designação com macho ou como fêmea, como masculino ou feminino, que “faz” esse corpo. Butler se afasta da ideia de que sexo, gênero e sexualidade existem numa relação necessariamente mútua. São esses apontamentos que ajudam a compreender o fenômeno que existia há bastante tempo, mas que era analisado sob um ponto de vista ainda biológico e anormal, como a transexualidade.

O gênero é, na Teoria *Queer*, efeito de discursos. Ao empregar a palavra discurso, Butler está se referindo às formulações de Foucault sobre o discurso como “grandes grupos de enunciados” que governam o modo como falamos e percebemos um momento ou momento históricos específicos. Assim, surgem como condições definidoras do gênero nas sociedades o falocentrismo e a heterossexualidade.

Butler definiu o gênero “não como uma essência ou uma verdade psicológica, mas como um corpo performativo e uma prática discursiva através da qual o sujeito adquire inteligibilidade social e reconhecimento político” (PRECIADO, 2014, p. 95).

---

A noção de performatividade de gênero, de acordo com a filósofa estadunidense, diz respeito a ideia de que a repetição de atos, gestos, atuações, desejos, entre outros, a partir dos discursos, produzem na superfície dos corpos, a ilusão de um núcleo interno e organizador do gênero, performatizando nossos modos de ser masculino e feminino, com o propósito de materializar nos corpos uma heterossexualidade obrigatória e reprodutora (BUTLER, 2016).

Apesar, no entanto, de serem feitos sob essas perspectivas, para a autora, os gêneros podem ser construídos de maneiras diferentes e subversivas como no caso das pessoas transexuais.

O filósofo Paul B. Preciado (2014) afirma que o gênero não é apenas performativo, mas resultado de uma tecnologia sofisticada que produz corpos sexuais. “Isto é, como um sistema complexo de estruturas reguladoras que controlam a relação entre os corpos, os instrumentos, as máquinas, os usos e os usuários” (PRECIADO, 2014, p.79).

Autores como Michel Foucault, Judith Butler e Paul B. Preciado são vinculados à Teoria *Queer*, que se afasta do feminismo clássico de base identitária e essencializante e se constitui como uma política pós-identitária, que se debruça sobre a travestilidade, a transgeneridade e a intersexualidade e culturas sexuais caracterizadas pela subversão ou rompimento com normas socialmente prescritas de comportamento sexual e/ou amoroso (BENTES, 2017).

Na compreensão de gêneros na contemporaneidade, para além das múltiplas possibilidades apontadas, compreende-se que uma pessoa cis é aquela que se define como homem ou mulher e se identifica com a constituição biológica que nasceu. Para uma contextualização didática, segundo Benevides e Nogueira (2019), mulheres transexuais são “pessoas que foram identificadas como sendo pertencentes ao gênero masculino no nascimento, mas que se reconhecem como pertencentes ao gênero feminino e se reivindicam como mulheres” (p. 11). E as travestis são pessoas que ao nascerem foram identificadas como do gênero masculino, mas que se identificam e se expressam como do gênero feminino, “mas não se reivindicam como mulheres da forma com que o ser mulher está construído em nossa sociedade” (p. 11).

---

As pessoas transexuais podem ainda ser binárias ou não-binárias. As binárias se reconhecem como homens ou mulheres e as não-binárias não se limitam às definições de masculino ou feminino. As mulheres trans ou os homens trans se diferenciam das *drag queens*, dos *drag kings* e das travestis porque a *drag queen* é uma personagem que pode inclusive ser vivida por um homem cis e hétero e o *drag king*, por uma mulher cis hétera. Uma pessoa *crossdresser* é aquela que se veste com roupas do gênero oposto ao qual se identifica dentro do binarismo masculino ou feminino.

Agora, importa mostrar como as pessoas trans foram representadas pelas novelas da Rede Globo.

### 3 Transgeneridade nas novelas da Rede Globo

De acordo com o catálogo feito pelo site Teledramaturgia, do colunista de televisão Nilson Xavier, a Rede Globo conta hoje com mais de 300 novelas desde sua criação. As novelas da TV Globo já contabilizaram 12 personagens trans<sup>5</sup>. Ninette em *Tieta* (1989), Sarita em *Explode Coração* (1995), Ramona em *As Filhas da Mãe* (2002), Anitta, Beyoncé e Priscila em *Salve Jorge* (2013), Dorothy Benson em *Geração Brasil* (2014), Tarso Brant em *A Força do Querer* (2017), Ivan em *A Força do Querer* (2017), Priscila em *Malhação* (2018), Michelly em *Bom Sucesso* (2019), Britney em *A Dona do Pedaço* (2019). Oito atores e atrizes trans já atuaram, interpretando personagens cis e trans. Rogéria viveu Ninette em *Tieta* (1989), Maria Clara Spinelli já viveu Mira, mulher cisgênera, em *A Força do Querer* (2017), e também Anita, mulher trans, em *Salve Jorge* (2013). Mariana Molina já viveu a trans Beyoncé em *Salve Jorge* (2013) e as mulheres cisgêneras Patrícia, em *Verdades Secretas* (2015), e Evelyn das Neves em *Bom Sucesso* (2019). Patrícia Araújo viveu Priscila em *Salve Jorge* (2013). Tarso Brant interpretou ele mesmo em *A Força do Querer* (2017). Thammy Miranda interpretou Joyce em *Salve Jorge* (2013). Gabriela Loran interpretou Priscila em *Malhação* (2018)

---

<sup>5</sup> Focamos o nosso olhar em telenovelas, mas houve personagens transgêneras em outras produções da emissora como a travesti Cintura Fina, vivida pelo ator homem cis Matheus Nachtergaele, na minissérie *Hilda Furacão* (1998), a personagens transexual Natasha, interpretada pela travesti Lynn da Quebrada, na série *Segunda Chamada* (2019) e Priscila, na *soap opera Malhação* (2018).

---

e Glamour Garcia viveu Britney em *A Dona do Pedaco* (2019). Em *A Força do Querer* (2017), Silvério Pereira, que não se identifica nem como homem nem como mulher, interpretou um homem cis que, à noite, é *drag queen*.

Ao longo da história da dramaturgia da Rede Globo, houve ator homem cis interpretando mulher cis na novela *O Bofe* (1972), escrita por Bráulio Pedroso, o ator Ziembinsk interpretava uma senhora chamada Stanislava.

O ator homem cis Rubens de Falco, em *O Grito* (1975), escrita por Jorge Andrade, viveu o personagem Agenor, que, de dia, era um sério executivo e, à noite, se vestia de mulher para sair pelos bares da cidade de São Paulo. Não fica claro, entretanto, se o personagem era *cross dresser*, homossexual e *drag queen*, travesti ou transexual.

Por anos, o que mais se percebe é um movimento de homens se vestirem de mulher e a personagem pertencer ao núcleo de humor. São personagens que se disfarçam de mulheres. Na novela *Um Sonho a Mais* (1985), escrita por Daniel Más e Lauro César Muniz, o empresário Volpone (Ney Latorraca) volta ao Brasil para provar sua inocência e encarna vários disfarces, entre eles a executiva Anabela Freire, que ganhou duas primas, Florisbela (Marco Nanini) e Clarabela (Antônio Pedro). *Deus nos Acuda* (1992) trouxe Gina (Jandir Ferrari), um homem que se travestia de mulher como disfarce. Na novela *Chocolate com Pimenta* (2003), de Walcyr Carrasco, havia a personagem Bernadete (Kayky Brito), um menino que foi criado pela mãe como menina e não tinha conhecimento a respeito disso. Depois da descoberta, Bernadete mudou o nome para Bernardo e passou a se vestir com roupas masculinas. Novelas como *Bang Bang* (2005), de Mário Prata e Carlos Lombardi, *Sete Pecados* (2007), *Caras e Bocas* (2009) e *Morde e Assopra* (2011), as três de Walcyr Carrasco, abordaram o tema pelo viés do humor escrachado, no qual os personagens se vestiam com roupas do sexo oposto ou para despistar a polícia, ou para seguir a esposa, como no caso do personagem Fabiano da novela levada ao ar em 2009. *Beleza Pura* (2008) também abordou a história de uma mulher que se passava pelo marido diante da suposta morte dele e, após o personagem ressurgir, o companheiro passou a se vestir de mulher para manter a farsa (XAVIER, 2012).

---

Em 2005, a novela *A Lua Me Disse*, escrita por Miguel Falabella, abordou o *cross-dressing*, prática de se vestir com roupas do sexo oposto independentemente da orientação sexual, com a personagem Dona Roma (Miguel Magno). Em 2006, na novela *Cobras e Lagartos*, o ator Luís Mello deu vida ao *cross-dresser* Orã, que se transformava na espanhola Conchita e continuava a ter afeto pela mulher (XAVIER, 2012).

Atrizes travestis interpretando travestis, pela primeira vez, houve em *Tieta* (1989) com a personagem Ninette (Rogéria). Mesmo com diversas cenas ligadas ao humor, havia na telenovela uma discussão de respeito à diversidade.

A primeira vez que uma personagem trans ganhou contornos que fugiam do humor em sua composição foi na novela *Explode Coração* (1995), escrita por Glória Perez. Sarita Witt (Florian Peixoto) performava em boates como *drag queen*. Também com Dorothy Benson (Luís Miranda), em *Geração Brasil* (2014), de Filipe Miguez e Izabel de Oliveira, uma mulher trans foi vivida por um ator homem cis.

Atores homens trans já ganharam personagens em telenovelas, interpretando homens trans e interpretando mulheres. Em *Salve Jorge* (2012), de Glória Perez, Thammy Gretchen interpretou a personagem Joyce, que era uma mulher. Em *A Força do Querer* (2017), o ator transexual Tarso Brant deu vida a ele mesmo, como um dos personagens que ajudaram Ivana a lidar com seus conflitos internos.

A Rede Globo também, em suas novelas, já teve mulheres trans interpretando mulheres cisgêneras. *Espelho Mágico* (1977), escrita por Lauro César Muniz, teve uma transexual com um papel fixo em uma telenovela. A atriz Cláudia Celeste foi escalada para o elenco sem que o diretor Daniel Filho soubesse que se tratava de uma trans. Ela viveu uma corista de teatro cis e, diante da descoberta pela equipe, teve que ser retirada do ar, pois o Regime Militar (1964-1985) proibia transexuais de aparecerem na TV. Em *A Força do Querer*, de Glória Perez, a atriz trans Maria Clara Spinelli interpretou uma mulher cisgênera, Mira, confidente da vilã Irene, sendo este o primeiro caso de uma atriz transexual interpretar uma personagem cis em novelas.

*As Filhas da Mãe* (2002), escrita por Sílvio de Abreu, contou com uma atriz cisgênera interpretando uma personagem trans. Claudia Raia deu vida ao personagem



---

que se chamava Ramon quando criança e que fez cirurgia de redesignação, passando a ser Ramona.

Também houve atriz cisgênera interpretando personagem homem trans. Carol Duarte, em *A Força do Querer* (2017) viveu Ivana era uma garota que nunca se adequou ao estilo feminino adotado pela mãe e que passou a ser reconhecido como homem logo em seguida. Ela então passa a adotar o nome de Ivan e sua transição é acompanhada do início ao fim pelo telespectador. O tratamento dado a questão nesta novela é bastante elogiado. Não entrou como discussão deste artigo porque o foco foi observar personagens em que a questão de direitos foi abordada.

Personagens mulheres trans interpretando mulheres trans surgem em *Salve Jorge* (2013) com a atriz transexual Maria Clara Spinelli fez uma participação como a personagem Anita, que foi para a Turquia com a promessa de uma cirurgia de redesignação de sexo, mas que, na realidade, estava sendo vítima de tráfico humano. Junto com ela, as atrizes transexuais Mariana Molina e Patrícia Araújo também fizeram parte do núcleo de brasileiras transexuais traficadas. *Malhação: viva a diferença* (2018) trouxe Gabriela Loran como a primeira atriz trans a atuar em uma temporada da trama interpretando uma mulher trans, chamada Priscila. Glamour Garcia atuou como Britney em *A Dona do Pedaço* (2019), de Walcyr Carrasco. *Bom Sucesso* (2019) deu espaço para a atriz transexual Gabrielle Joie interpretar a também transexual Michelly. As duas últimas personagens são o objeto de estudo deste artigo por trazerem o assunto a partir do ponto de vista de direitos.

### **3 Michelly, Britney e os direitos LGBTQIA+ em *Bom Sucesso* e *A Dona do Pedaço***

A novela *A Dona do Pedaço* estreou em 20 de maio de 2019 e acabou em 22 de novembro do mesmo ano. Entre os núcleos da produção, havia um de humor: uma família sem teto que ocuparam uma casa sem uso. Eles viviam de pequenos golpes. Apesar de trazer uma temática social importante, a novela não problematizou a situação dos moradores sem-teto a partir de um ponto de vista de direitos. A vida da família era abordado estritamente a partir de situações escrachadas. Britney, vivida por Glamour Garcia, era a filha caçula de Eusébio (Marco Nanini) e Dorotéia (Rosi Campos). A

---

personagem foi batizada como Rarisson ao nascer e fez a transição de gênero quando passou um tempo longe da família. Ao retornar para São Paulo, reaparece para família como Britney.

Na cena em que volta para casa, a personagem já ressalta um dos direitos que tem: a mudança de nome nos documentos.

Doroteia: Eu também quero saber exatamente como isso aconteceu. Não, porque o meu filho Rarisson ganhou uma bolsa de estudos, ficou anos estudando longe de casa e, quando volta, eu ganhei uma filha?

Cornélia: Um netinho, lindinho, macho, gostoso... Macho igual a esse aí, ó [aponta para Rock, irmão da personagem].

Rock: Oh, com todo respeito, vó, me tira dessa tá, porque eu sou macho, agora ele...

Britney: Ela, faz favor! Se eu posso ser eu nos meus documentos, também mereço respeito. Ela (A DONA do pedaço, 2019).

Desde 29 de junho de 2018, transexuais podem mudar o nome e o gênero em cartórios. A regulamentação da Corregedoria Nacional de Justiça, órgão do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) acompanha a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) de março do mesmo ano, que determinou que transgêneros têm o direito de alterar o nome social e o gênero no registro civil ainda que não tenham sido submetidos à cirurgia de redesignação sexual (MENDES; FERREIRA, 2018). Apesar de não detalhar as informações, a novela pontua esse direito de maneira rápida. A cena, no entanto, é cercada por piadas em torno do corpo de Britney. A mãe fala sobre o tamanho dos seios, os irmãos ridicularizam como ela está vestida. Assim, há uma ambivalência na maneira como os direitos trans são retratados. Por um lado, ressalta-se uma medida jurídica que garante a mudança nos documentos, mas, por outro, a personagem é motivo de deboche e chacote dos parentes. Não há defesa em torno do direito de Britney de ser mulher.

Em outras cenas, a discussão passa a ser o direito de Britney de ir para o trabalho como ela é. A nova dona da fábrica em que trabalha a chama para uma conversa no capítulo do dia 30 de agosto.

Britney: Queria falar comigo?

Fabiana: Como já disse, fui criada em convento. Não estou a par de certas situações nesse mundo... nunca convivi com pessoas... como você. Ainda mais porque o convento era no interior do Espírito Santo, então imagine... Como se chamava antes de ser... Britney?

Britney: Rarisson.

Fabiana: Pois então, Rarisson, de agora em diante, será chamada só de Rarisson. Eu não tenho preconceito nenhum. Respeito cada um como é [Britney tenta protestar dizendo que é Britney e não mais Rarisson]

---

Fabiana: Rarisson. E terá que trabalhar vestida de homem (A DONA do pedaço, 2019).

Depois desse episódio, Britney se nega a trabalhar vestida de homem e a ser chamada de Rarisson e acaba sendo demitida. Ela contrata um advogado e entra na justiça para ter seus direitos assegurados.

Fabiana: Como vai entrando na minha sala sem permissão?

Britney: Eu vim com meu advogado.

Fabiana: Já disse que receberá seus direitos.

Britney: Eu não quero meus direitos, mas meu emprego.

Advogado: Muito prazer. Fui ao Tribunal do Trabalho. Consegui ordem judicial, para reintegração da funcionária.

[Ao ouvir isso, Fabiana protesta e afirma que tem o direito de demitir quem quiser.]

Advogado: Não por esse motivo. Ela tem o direito de ser trans. De acordo com o juiz trabalhista.

[Neste momento, Márcio (funcionário da fábrica) lê o documento e confirma que Britney foi reintegrada e a vilã precisa seguir a ordem judicial. Fabiana se conforma]

Fabiana: Deixa ver... Ah... parece que... está tudo certo. Pode voltar a suas funções.

[Além disso, Britney ganha o direito de usar o banheiro feminino] (A DONA do pedaço, 2019).

A cena foi ao ar no dia 5 de setembro e traz uma discussão sobre direitos das pessoas transexuais no trabalho. O Ministério Público do Trabalho, através da portaria nº 1.036 de 2015, regulamentou o uso no nome social em todas as unidades do Ministério do Trabalho e Emprego. Ainda, de acordo com o artigo 4º da referida portaria, é garantido ao empregado (a) o acesso a banheiros e vestiários de acordo com o nome social e a identidade de gênero de cada um (BRASIL, 2015).

Logo na sequência, Abel (Pedro Carvalho), personagem que na novela era namorado de Britney e rompeu ao descobrir que ela era trans, faz piada sobre o direito dela de usar o banheiro feminino. “Mas como o juiz pode fazer uma coisa dessas? E a moral das mulheres desta fábrica? Mas ela tem... ela tem o detalhe” (A DONA do pedaço, 2019).

Ao longo da trama, existem também discursos que levam o público a pensar no direito de Britney ser quem ela é. Na mesma cena, citada anteriormente, em que a família zomba de Britney quando ela volta para São Paulo, a protagonista da novela Maria da Paz, vivida por Juliana Paes, diz:

---

Maria da Paz: Agora deixa eu falar sério aqui com vocês. Eu vou me meter mesmo. É os seguinte: ela tá maravilhosa, ela tá linda, ela tá com saúde. A gente tem que aceitar ela do jeito que ela é. Pai e mãe tem que amar sem preconceito. Quê que isso? Ela tá linda. Tá linda desse jeito, do jeito que ela é (A DONA do pedaço, 2019).

No dia em que conta para Abel que é trans, Britney diz: "Eu sou trans. Quer dizer que eu sou mulher. Mas nasci com outro corpo, entende? Eu nasci num corpo masculino" (A DONA do pedaço, 2019). No final da novela, eles se casam.

São cenas que contribuem para propagar o direito das pessoas trans. No entanto, percebe-se que as questões de direitos LGBTQIA+ expostas a partir da personagem Britney estão cercadas por situações cômicas sem uma discussão politizada. A irritação de Abel é construída para que as pessoas riam.

O humor tem espaço para discussões políticas. Isso é inegável, mas, nas situações produzidas em *A Dona do Pedaço*, o riso não é produzido a partir de uma chave de rir do opressor. Continua-se rindo de grupos que já são marginalizados socialmente.

Concorda-se com o crítico de TV Mauricio Stycer quando ele considera Britney uma personagem mal construída. "Não teve maior importância na trama, nem serviu a uma reflexão importante sobre as dificuldades que pessoas como ela enfrentam no mundo real. Um desperdício a mais em "A Dona do Pedaço" (STYCER, 2019).

Os preconceitos contra a personagem na novela não geraram discussões aprofundadas e necessárias para desconstruí-los. A personagem é importante porque a partir dela se discutiu a questão de direitos trans, mas os momentos em que isso aconteceu são poucos e ainda cercados de piadas que não contribuem para o avanço da questão sob um viés mais politizado.

É diferente do que se tem em *Bom Sucesso* com Michelly, interpretada por Gabrielle Joie. A personagem é uma adolescente extrovertida de 15 anos que está descobrindo suas questões de gênero e enfrenta o preconceito na escola da novela que estreou no dia 29 de julho de 2019 e acabou em 24 de janeiro de 2020.

No capítulo do dia 7 de agosto de 2019, ela foi hostilizada enquanto tentava usar o banheiro feminino da escola. Michelly costumava usar o banheiro dos professores

---

porque é transexual e está em transição de gênero. Neste dia, entretanto, a jovem decidiu ir ao banheiro feminino.

Lori: Tá fazendo o que aqui, garota?

Jeniffer: Ô, amor, você não viu o desenho da porta? Banheiro feminino.

Michelly: E você viu a minha cara de Patrícia? Então pronto. Meu lugar é aqui

Jeniffer: Ah, pelo amor de Deus. Nem operado você é, ô garoto.

Lori: Pode ir no masculino. Seu nome na chamada é Michel, né isso?

Alice: Gente, que preconceito é esse? [que estava ouvindo tudo e é amiga de Michelly]

Michelly: Minha mãe, meus irmãos, todo mundo aqui nessa escola sabe que eu sou menina (BOM SUCESSO, 2019).

No entanto, ela acaba sem usar o banheiro porque a inspetora da escola aparece e pede para ela sair, explicando que a diretora não permite que ela use o feminino. No capítulo do dia 20 de janeiro, no entanto, Michelly vai até a sala da diretora entregar um abaixo-assinado para que ela possa usar o banheiro feminino.

Diretora: Michelly, Michelly, eu não quero saber de confusão.

Michelly: Não. Não vai ter confusão não. Isso aí todo mundo assinou. E tem aí também que eu quero meu nome na chamada como Michelly Almeida. Chega de Michel, né.

Diretora: Acho justo. Parabéns.

Há uma comemoração com amigos depois que ela usa pela primeira vez o banheiro. Percebe-se que, em *Bom Sucesso*, as cenas priorizam a discussão política dos direitos da população trans. Embora especialistas digam que leis locais sobre práticas discriminatórias já garantem o uso do banheiro por trans, não existe uma decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) sobre o tema.

Michelly foi uma personagem com visibilidade e que, na novela, lutava por seus direitos. As piadas sobre a sua condição eram sempre rebatidas. No dia 6 de agosto, por exemplo, durante o jogo de futebol feminino, Michelly faz um gol.

Lori: Ué, professor, não era só mulher que podia fazer gol?

Michelly: Eu sou o quê, ô criatura?

Aluno: Não faz pergunta difícil.

Professor: Ô ô, gente! A Michelly é o que ela quiser ser.

Gabriela: É. Vocês estão reclamando porque vocês estão perdendo mesmo (BOM SUCESSO, 2019).

Nessa cena, por exemplo, o professor e a amiga partem em defesa dos direitos de Michelly e a situação acaba por ser constrangedora para agressora.

---

#### 4 Considerações Finais

Em novelas e discursos diferentes, Michelly e Britney contribuíram para diversificação das narrativas sobre direitos da população LGBTQIA+ nas telenovelas da TV Globo. A partir das análises empreendidas, foi possível entender que, em *Bom Sucesso*, Michelly instaurou uma discussão que não se restringiu ao seu corpo e a sua sexualidade, mas abordou questões de direitos, como o uso do banheiro e a mudança de nome, como foram também discutidos em *A Dona do Pedaço*, com Britney.

*Bom Sucesso* trouxe a discussão sobre o uso do banheiro em 7 de agosto de 2019, mas só trouxe o desfecho em janeiro de 2020. *A Dona do Pedaço* pautou a discussão junto com o direito de ser mulher trans no trabalho no dia 30 de agosto. A solução veio antes de janeiro. Em 5 de setembro, a personagem ganhou o direito de usar o banheiro, além de poder usar o nome que escolheu e se vestir como quisesse.

Apesar de concluir primeiro a discussão, a forma como a questão foi abordada em *A Dona do Pedaço* não contribuiu para uma reflexão mais adequada do público porque as piadas feitas sobre a transexualidade de Britney não eram contestadas na mesma cena ou simplesmente caíram no esquecimento. É diferente do que vimos em *Bom Sucesso* que desconstruiu preconceitos.

A partir dos dados apresentados neste artigo, percebe-se que a presença de personagens trans ainda é pequena em novelas e a de atores e atrizes trans ainda mais. Espera-se que as telenovelas possam contribuir mais efetivamente para educação da sociedade ao pautar mais o tema em suas produções.

#### Referências bibliográficas

**A DONA do pedaço.** Rio de Janeiro: Rede Globo, mai-nov. 2019. Novela.

BENEVIDES, Bruna G.; NOGUEIRA, Sayonara Naidier Bonfim. **Dossiê:** assassinatos e violência contra travestis e transexuais no Brasil em 2018. São Paulo: Associação Nacional de Travestis e Transexuais Do Brasil (Antra); Instituto Brasileiro Trans de Educação (IBTE), 2019. Disponível em: <<https://antrabrasil.files.wordpress.com/2019/01/dossie-dos-assassinatos-e-violencia-contra-pes-soas-trans-em-2018.pdf>>. Acesso em: 4 mai. 2020.

BENTES, Ivana. Biopolítica feminista e estéticas subversivas. **Matrizes**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 93-109, mai-ago. 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/133380>>. Acesso em: 12 jan. 2019.

---

BERNARDO, A. Infográfico: evolução dos personagens LGBT nas novelas, ano a ano. **Superinteressante**, São Paulo, 2018. Disponível em: <[https://super.abril.com.br/mundo-estranho/infografico-evolucao-dos-personagens-lgbt-nas-novelas-ano-a-ano/?fbclid=IwAR0kDsiY12N-OgpsYfuMkpyhgpmlws\\_nZci4ubHJEjnHsglHabGqCycs68](https://super.abril.com.br/mundo-estranho/infografico-evolucao-dos-personagens-lgbt-nas-novelas-ano-a-ano/?fbclid=IwAR0kDsiY12N-OgpsYfuMkpyhgpmlws_nZci4ubHJEjnHsglHabGqCycs68)>. Acesso em: 12 mar. 2019.

**BOM SUCESSO**. Rio de Janeiro: Rede Globo, jul-jan. 2019-2020. Novela.

BRASIL. Ministério do Trabalho. Portaria nº 1.036, de 2 de dezembro de 2015. assegura a utilização do nome social em crachás, e-mails e comunicações internas. O uso de banheiros deve ser de acordo com a identidade de gênero em todas as unidades do Ministério Público do Trabalho no Brasil. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2 dez. 2015.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

LOPES, M. I. V. A telenovela como recurso comunicativo. **Matrizes**, v. 3, n.1, p. 21-47, dez./ago. 2009. Disponível em: <[https://bdpi.usp.br/bitstream/handle/BDPI/32406/art\\_LOPES\\_Telenovela\\_2009.pdf?sequence=3](https://bdpi.usp.br/bitstream/handle/BDPI/32406/art_LOPES_Telenovela_2009.pdf?sequence=3)>. Acesso em: 20 mar. 2019.

MENDES, Adriana; FERREIRA, Paula. Transexuais já podem mudar nome em documentos nos cartórios de todo país. **O Globo**, Sociedade, 29 jun. 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/transsexuais-ja-podem-mudar-nome-em-documentos-nos-cartorios-de-todo-pais-22836060>>. Acesso em: 3 mai. 2020.

PRECIADO. Beatriz. Historia de la tecnossexualidad. In: \_\_\_\_\_. **Yonqui**: sexo, drogas y biopolítica. Buenos Aires: Paidós, 2014. p. 63-88.

RIBEIRO, I. R. **A TV no armário**: a identidade gay nos programas e telejornais brasileiros. São Paulo: GLS, 2010.

STYCER, Mauricio. História da transexual Britney é um desperdício a mais em A Dona do Pedaço. **Mauricio Stycer**, 24 out. 2019. Disponível em: <<https://tvefamosos.uol.com.br/blog/mauriciostycer/2019/10/24/historia-da-transexual-britney-e-um-desperdicio-a-mais-em-a-dona-do-pedaco/?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 3 mai. 2020.

TIBURI, Marcia. **Judith Butler**: feminismo como provocação. **Cult**, São Paulo, ano 19, jan. 2016. p. 8-11.

XAVIER, Nilson. Relembre os travestis e transexuais das novelas. **Blog do Nilson Xavier**, São Paulo, 22 jan. 2012. Disponível em: <<https://tvefamosos.uol.com.br/blog/nilsonxavier/2012/02/22/relembre-os-travestis-e-transexuais-das-novelas/?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 3 mai. 2020.